

APRESENTAÇÃO

A Revista *Dia-Logos* conta com uma longa tradição de publicação de trabalhos discentes produzidos nas diferentes pós-graduações do país. Pela sua duração, já que seu primeiro número foi lançado em 1997, pode-se dizer que foi testemunha da ampliação das pesquisas desenvolvidas nos âmbitos de mestrados e doutorados ao longo das últimas duas décadas. Contribuiu, por isso, para a propagação do conhecimento histórico não apenas para aqueles que se especializam na área, mas também para o restante da sociedade, visto que divulga de maneira gratuita suas edições digitalmente. A revista desempenha um papel fundamental já que o conhecimento histórico não é importante apenas para os historiadores, mas sim para toda a sociedade uma vez que permite a compreensão não apenas do passado, mas também do presente. É por meio desse conhecimento, bem como de outros que compõem as chamadas “Humanidades”, que podemos perceber mudanças e permanências que nos permitem visualizar os caminhos percorridos pelas sociedades humanas. Esses caminhos evidenciam processos complexos que estruturam nossas formas de ver o mundo, produzindo um estranhamento daquilo que, de outro modo, seria entendido como “natural” ou “biológico”, facilitando a compreensão da natureza social e cultural de nossas práticas. Disso resulta a importância de organizar revistas como esta, que não virariam realidade sem os esforços e determinação dos discentes envolvidos. Estes precisam superar inúmeros obstáculos, como a falta de financiamento, para que a revista continue a existir, mas persistem por acreditarem na importância desse trabalho.

Não poderia deixar de dizer que me sinto extremamente feliz em escrever esta apresentação, visto que a Revista *Dia-Logos* é muito especial para mim. Nos idos de 2007, encontrava-me, tal como os organizadores agora, esforçando-me imensamente, junto aos meus colegas, para publicar a revista. Naquela ocasião, a *Dia-Logos* tinha ainda publicações intermitentes, sendo que seu último número havia sido lançado em 2004. Conseguimos, contudo, retomá-la e lançá-la em 2008. De lá para cá, a revista tornou-se regular, tendo sido publicada todos os anos, o que, para mim, é motivo de muito orgulho e alegria.

Retornemos, contudo, ao presente número. Os pesquisadores que aqui apresentam seus trabalhos são mestrandos e doutorandos de diferentes programas de pós-graduação do país, não apenas em História, mas também em outras áreas, como

Comunicação e Literatura, o que mostra a grande riqueza e alcance da revista. Assim temos trabalhos produzidos nos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), da Universidade de Brasília (UnB) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Além disso, temos presentes nesta edição textos de autores vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Teoria da Literatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Neste número o leitor encontrará também um amplo leque de temas, distribuídos em dez artigos, sobre aspectos tão diversos como gênero e literatura, imprensa e política, memória e biografia, missivas e identidade indígena, mídias sociais, entre outros. Entretanto, apesar das inúmeras temáticas presentes nesta edição, é possível identificar temas comuns. As reflexões sobre gênero e história das mulheres, por exemplo, são abordadas nos artigos “*De “Flores de Oro” a “Ajos Crudos”*: a representação do amor cortês em Dom Quixote como subversão das relações de gênero em Amadís de Gaula”, de **Caio Rodrigues Schechner Correia**, *A interseccionalidade como aparato teórico e metodológico para a história das mulheres*, de **Jessica Santana de Assis Alves** e *¡Abajo el tráfico de las mujeres! O periódico comunista-anárquico La Voz de la Mujer e o combate ao tráfico de mulheres (Buenos Aires, 1896-1897)*, de **Ingrid Souza Ladeira de Souza**. No primeiro, o autor toma duas obras clássicas, *Amadís de Gaula* e *Dom Quixote*, para comparar a construção do chamado amor cortesão presente em livros de cavalaria. O autor entende que as relações de gênero, tal como construídas no primeiro, serviram para consolidar um padrão de representação que foi desconstruído pelo segundo, à medida que na obra de Cervantes esse modelo foi parodiado. Isso teria contribuído para a subversão da forma de representação das relações de gênero. Já no texto *A interseccionalidade como aparato teórico e metodológico para a história das mulheres*, Jessica Santana de Assis Alves ressalta como o olhar que perpassa as esferas de raça, classe e gênero pode contribuir para o campo de estudo da História das Mulheres. A autora destaca em sua análise as obras de Angela Davis, Ana Maria Rios, Hebe Mattos e Giovanna Xavier para demonstrar a contribuição das abordagens interseccionais. Por fim, a imprensa feminina é tema do trabalho *¡Abajo el tráfico de las mujeres! O periódico comunista-anárquico La Voz de la Mujer e o combate ao tráfico de mulheres (Buenos Aires, 1896-1897)*, de Ingrid

Souza Ladeira de Souza. O texto enfoca o jornal *La Voz de la Mujer*, escrito por redatoras mulheres e voltado para o público feminino no final do século XIX. O periódico, ligado à corrente anarquista, um dos primeiros da América Latina, abordava questões importantes para as mulheres e a autora analisa uma delas em particular: a questão do tráfico de mulheres.

A imprensa é também objeto do artigo de **Fabício Ferreira**, intitulado *O debate sobre as direitas à luz da atuação política da grande imprensa na Nova República*. Nele são analisados os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* no período denominado de Nova República para compreender os discursos ali presentes e identificar os projetos políticos a eles associados. O autor entende que ambos têm papel fundamental na afirmação do modelo neoliberal no Brasil, que ganhou força no momento da eleição de Fernando Henrique Cardoso.

Ainda no terreno da comunicação, as mídias sociais são tema do artigo *Mídias sociais e História: um novo espelho e os vários reflexos de Clio*, de **Sílvio Ricardo Gouveia Cadena**. Aqui são abordadas as relações entre mídias sociais e o conhecimento histórico. O objetivo do artigo é verificar como se dá a construção de uma memória histórica em mídias como o Facebook, bem como analisar de que forma o passado é utilizado nesses espaços.

As concepções sobre História são analisadas também no artigo *Entre “História” e “histórias”: repensando as concepções de memória, história e identidade em François Hartog*, de **Fernanda Chamarelli de Oliveira**. A autora estuda as categorias de História, memória e tempo desde o século XVIII até o presente por meio da obra de François Hartog. Para isso, reflete sobre as relações que os indivíduos estabelecem com o tempo de modo a compreender como isso dialoga com as noções de História e memória.

Se a concepção de História é o que aproxima os dois textos acima, o tema da memória constrói a ligação entre o anterior e o artigo *Os sentidos das lembranças na obra O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*, de **Ede Ricardo de Assis Soares**. Nele, o autor analisa a obra mencionada no título, publicada em 1988 e escrita por João Falcão, militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), buscando compreender a construção memorialística e autobiográfica do escritor como forma do mesmo se consolidar como um intelectual de sua geração.

Enquanto as visões sobre si são abordadas no texto acima, a pesquisadora **Amanda Moury Fernandes Bioni** estuda as visões sobre os outros em *As impressões do paraíso: a exibição do outro selvagem no novo mundo*. A autora analisa as cartas escritas por Américo Vespúcio nos anos de 1502 e 1503 com o intuito de perceber as imagens construídas sobre os nativos da América. Além disso, o texto busca contribuir para as reflexões sobre o processo de colonização ocorrido na região.

O filósofo Michael Foucault é outro autor objeto de análise entre os artigos desta edição. No texto *As relações de poder em Foucault: limites e possibilidades nas obras A ordem do discurso e Vigiar e punir*, **Marlon Rodrigues Marques** enfoca o conceito de poder presente naquelas obras, entendendo que o mesmo não pode ser tomado de maneira homogênea, já que aponta que, para o filósofo, o poder se transforma diversas vezes no decurso do tempo.

Por fim, as relações entre a emergência do conceito de biodiversidade e a ideia, presente em inúmeras obras, da possibilidade de uma nova extinção em massa de espécies é tema do artigo *A “Sexta Extinção” e suas relações com o conceito de biodiversidade: uma análise histórica*, de **Douglas de Araújo Ramos Braga**.

Percebe-se, dessa forma, a riqueza de temáticas tratadas nesta edição, de modo que o leitor poderá refletir sobre inúmeros aspectos do passado e do presente.

Boa leitura!

Camila Borges da Silva

Professora do Departamento de História da UERJ